

A AUTOFIÇÃO COMO ESCRITA DE SI: APROXIMAÇÕES ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE

Angela Teresa Nogueira de Vasconcelos¹

Eliane Vasconcelos Diógenes²

RESUMO

A escrita de si surgiu como um fenômeno literário típico da modernidade, onde as fronteiras entre ficção e realidade se esvanecem, produzindo narrativas que dão voz a um eu que fala a partir de uma afirmação pessoal. Neste artigo, apresentamos uma aproximação entre literatura e psicanálise, considerando tratar-se de duas produções humanas que têm em comum a palavra como matéria prima, a possibilidade de produzir narrativas do eu e a insuficiência de apreender por completo a linguagem. A partir da obra do escritor Julián Fuks, abordamos a relação entre a autoficção enquanto produção literária e a narrativa ficcional que é própria de cada sujeito na busca de contorno e sustentação de sua singularidade, tal como se depreende da psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita de si. Autoficção. Psicanálise. Julián Fuks.

¹ Psicanalista. Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário 7 de Setembro (UNI7). E-mail: angelanogueiravasconcelos@gmail.com Telefone: 85 99902-1325. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2283-9830>.

² Doutora e Mestra em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professora dos cursos de Cinema e Audiovisual e de Psicologia de Fortaleza. E-mail: elianevd@uol.com.br . Telefone: 85 99174-8046. <https://orcid.org/0000-0003-1507-8046>.

INTRODUÇÃO – LITERATURA E PSICANÁLISE

As aproximações entre literatura e psicanálise apontam, desde Freud, caminhos luminosos, mas ao mesmo tempo sinuosos, de uma tentativa de cotejar duas produções humanas que têm em comum, além da palavra como matéria prima, a insuficiência de apreender por completo a linguagem. Essa insuficiência, contudo, ao contrário de consistir em fracasso, torna-se justamente a mola propulsora da busca incansável de sentido que o homem faz desde que passou a indagar sobre as questões inerentes ao que há de belo e trágico na vida.

Se a literatura é, para a psicanálise, ao mesmo tempo luz e enigma, é porque ao tocar em questões que vão desde o interesse pelo ato criativo até a pesquisa dos efeitos desta arte sobre o leitor, ela lança lampejos de decifração, ao mesmo tempo em que sempre deixa algum mistério remanescente.

O tema literário perpassa toda a obra de Freud. Pode-se dizer que parte da psicanálise tem origem no interesse de seu criador pela literatura e que esta também serviu de suporte para as elaborações teórico-clínicas que constituem o seu escopo.

Um dos trabalhos mais conhecidos de Freud sobre a relação entre literatura e psicanálise está em *O poeta e o fantasia* (1908). Neste texto, encontra-se uma espécie de teoria geral sobre a criação literária, articulando-a com o brincar infantil e o devaneio (ou sonho diurno). Para Freud, o brincar, o fantasiar e o criar têm a mesma fonte e a mesma função. Além disso, deste texto apreende-se que todo homem teria a capacidade poética de criação: ao sonhar (dormindo ou acordado), o homem cria uma narrativa, composta de imagens e palavras; ao brincar, a criança cria seu mundo próprio, comportando-se como um poeta. Nesta perspectiva, uma das funções da criação poética é proteger o homem da realidade, é oferecer um conserto da realidade a fim de suavizar os efeitos da tragicidade da vida pela beleza do ato criativo.

Quanto à fonte da criação poética, esta é uma das principais questões que Freud apresenta neste trabalho: de onde o poeta extrai os seus temas para inventar tantos mundos? Embora não responda de forma definitiva a esta indagação, Freud entende que é de suas próprias vivências que o poeta retira o material que vai desembocar no ato criativo e isto se daria a partir de uma modificação produzida pela fantasia. Ao transformar em palavras suas fantasias, o escritor consegue transformar

em coletiva uma fantasia que era individual e produzir nele próprio um apaziguamento de tensões psíquicas, além de uma experiência prazerosa no leitor.

Desde os primeiros estudos de Freud sobre os escritores e o ato criativo, criou-se uma tradição na relação entre psicanálise e literatura de ver nos romances algo como projeções dos escritores nos seus escritos. Diz Freud ([1908] 2005, p. 123): “O romance psicológico deve a sua especificidade inteiramente à inclinação do autor moderno em dividir o seu eu por meio da auto-observação em eus parciais e em consequência disso personifica a avalanche de conflitos de sua vida psíquica em muitos heróis”. Por esta perspectiva, o romance é, de algum modo, sobre o autor, e vemos, até hoje, toda uma tradição da crítica literária de tentar ver no personagem algo do escritor. Parte da crítica literária do século XX vai se opor a esta visão. Ao mesmo tempo, é talvez no século XX que se observa a maior profusão de obras caracterizadas como “escritas de si”, termo que caracteriza “a narrativa em que um narrador em primeira pessoa se identifica explicitamente como o autor autobiográfico, mas vive situações que podem ser ficcionais” (ARAÚJO, 2011, p. 8).

A ESCRITA DE SI COMO NARRATIVA DO EU

A escrita de si, considerada não exatamente como gênero literário, mas como um fenômeno literário típico da pós-modernidade, aponta para uma modalidade de escrita que destaca uma tentativa de dar voz a um eu que fala a partir de uma afirmação pessoal (ARAÚJO, 2011).

Nesta modalidade de escrita, destacamos duas categorias de narrativa, cujas referências teóricas são Philippe Lejeune, que se dedica à autobiografia, e Sergei Doubrovski, que desenvolveu o conceito de autoficção.

PHILIPPE LEJEUNE E O PACTO AUTOBIOGRÁFICO

Em 1971, Lejeune publicou *L'autobiographie em France*, seu primeiro livro dedicado ao tema autobiografia. Nessa obra, ele examina textos autobiográficos para compreender seu modo de constituição. Em 1975, o autor lançou o ensaio *Le pacte autobiographique*, que é considerado um marco fundamental no debate acerca do tema autobiografia. Isso porque ele dá um passo importante na tentativa de teorizar esse gênero discursivo bastante criticado e rechaçado no meio acadêmico.

(NORONHA, 2014). Nesse ensaio, Lejeune ([1975] 2014a, p. 16) retoma a definição de autobiografia elaborada no livro anterior: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. Vale a pena sublinhar que a palavra “autobiografia” surge na Inglaterra no início do século XIX.

Isto posto, destaca-se que a linguagem da autobiografia é a prosa; o assunto tratado é a vida particular de uma pessoa real, a história da sua personalidade, e a narrativa se constrói no modo da retrospectiva. (LEJEUNE, [1975] 2014a).

Lejeune ([1975] 2014a) se empenha em delimitar, especificar a autobiografia como um tipo de gênero literário distinto dos gêneros vizinhos (memórias, biografia, romance pessoal, poema autobiográfico, diário, autorretrato, ensaio). Ele reconhece a inserção dos fragmentos da literatura íntima (memórias, diário, autorretrato) na composição da autobiografia.

O autor destaca: “para que haja autobiografia é preciso que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem”. ([1975] 2014a, p. 18). O nome próprio do autor se inscreve como marca essencial, pois ele assume a responsabilidade da enunciação do texto. “O lugar concedido a esse nome é capital: ele está ligado, por uma convenção social, ao compromisso de responsabilidade de uma pessoa real”. (LEJEUNE, [1975] 2014a, p. 27). O leitor da autobiografia exalta a existência do autor, pois a vinculação entre autor, narrador e personagem é crucial na narrativa autobiográfica. A identidade narrador-personagem principal é geralmente estabelecida pelo emprego da primeira pessoa; o narrador e o personagem principal se fundem na primeira pessoa. “A autobiografia não é um jogo de adivinhação, mas exatamente o contrário disso.” (LEJEUNE, [1975] 2014a, p. 30). Eis o “espaço autobiográfico”.

Lejeune ([1975] 2014a) nota que a noção de identidade (autor-narrador-personagem) não significa semelhança. A identidade opera no plano da enunciação, o que causa cisão entre identidade e semelhança.

De acordo com Lejeune ([1975] 2014a), o romance autobiográfico (ficção) se diferencia da autobiografia, porque o leitor do romance autobiográfico não associa a identidade do autor com a identidade do narrador ou do personagem. O ponto fundamental, que distingue esses dois tipos de texto é o “pacto autobiográfico”, que é “a afirmação, no texto, dessa identidade (autor-narrador-personagem),

remetendo ao nome do autor, escrito na capa do livro”. (LEJEUNE, [1975] 2014a, p. 30).

O pacto autobiográfico consiste no contrato estabelecido entre autor e leitor baseado nos indícios, por meio dos quais o autor atesta a autenticidade da narrativa. As formas do pacto autobiográfico são variadas, porém a intenção do autor em honrar sua assinatura é medular. “O leitor pode levantar questões quanto à semelhança, mas nunca quanto à identidade.” (LEJEUNE, [1975] 2014a, p. 30-31). Esses indícios podem ser encontrados no título do livro (*História de minha vida, Autobiografia* etc.), no prefácio, no qual o autor garante a legitimidade da narrativa, e no decorrer da narrativa, na qual a identidade autor-narrador-personagem se manifesta. (LEJEUNE, [1975] 2014a).

O pacto romanesco se diferencia do pacto autobiográfico, porque a identidade autor-narrador-personagem é dissolvida, o que indica a condição ficcional da narrativa. Às vezes, o romance imita formas de literatura íntima (memórias, cartas, diários). (LEJEUNE, [1975] 2014a, [2005] 2014b).

Lejeune ([1975] 2014a) aponta afinidades e diferenças entre autobiografia e biografia. Uma dessas diferenças está na configuração do personagem principal, porque, na autobiografia, o personagem principal brota da identidade autor-narrador-personagem, enquanto, na biografia, o personagem principal é o outro, uma outra pessoa. Quanto a afinidades, eles são textos referenciais, pois “eles se propõe a fornecer informações a respeito da realidade externa ao texto e a se submeter, portanto, a uma prova de verificação [...] não o efeito de real, mas a imagem do real”. (LEJEUNE, [1975] 2014a, p. 43). A biografia e a autobiografia celebram o pacto referencial, porém, no caso da autobiografia, a verificação das informações se revela difícil por se tratar da intimidade do autor, ao passo que, no texto biográfico, as provas de exatidão da narrativa são mais propícias à apresentação.

Na autobiografia, é indispensável que o pacto referencial seja firmado e que ele seja cumprido, mas não é necessário que o resultado seja da ordem da estrita semelhança. O pacto referencial pode ser, segundo os critérios do leitor, mal cumprido, sem que o valor referencial do texto desapareça. (LEJEUNE, [1975] 2014a, p. 44).

Então, o essencial da autobiografia não está na relação de semelhança entre a referência extratextual e o texto, mas, sim, no “contrato implícito ou explícito proposto pelo autor ao leitor, contrato que determina o modo de leitura do texto”.

(LEJEUNE, [1975] 2014a, p. 54). O espaço autobiográfico se constitui no pacto autobiográfico. “O gênero autobiográfico é um gênero contratual.” (LEJEUNE, [1975] 2014a, p. 53). A autobiografia se define pelo efeito contratual, que é historicamente variável.

SERGEI DOUBROVSKI E A AUTOFICÇÃO

Em 1977, Serge Doubrovsky lançou a invenção do neologismo *autofiction*, fusão entre autobiografia e ficção, na capa de seu romance *Fils*. Na crítica literária francesa, a expressão “autoficção” suscita embates calorosos; em compensação, na cultura em geral, ela se espalha sem resistências, tornando-se cada vez mais popular. O termo “autoficção” se propaga, ganha força de circulação na medida em que consegue nomear narrativas marcadas pela miscigenação entre autobiografia e ficção. Essa movimentação cultural se coloca em contraposição à tese de Philippe Lejeune, que tanto preza a cisão entre autobiografia e ficção. (FIGUEIREDO, 2010; HIDALGO, 2013).

O que nos anos 1970 começou com o registro simples de um autor no esforço de definir seu próprio, híbrido romance (intitulado *Fils*), traduziu-se como uma espécie de *nouvelle vague*, um sopro a mais no contexto das neovanguardas. Passadas as décadas, o termo, no entanto, permanece teoricamente *flo*, ou seja, nebuloso e controvertido. Estudos literários na França avançam e regridem no longo processo de inscrição do neologismo como gênero, sem uma definição clara dos limites entre a autobiografia, tão precisamente circunscrita pelo teórico Philippe Lejeune, e a chamada autoficção. (HIDALGO, 2013, p. 219).

Em contraposição à tese de Philippe Lejeune, que tanto preza o pacto autobiográfico, a definição de autoficção indica a mestiçagem entre a verdade de si e a ficção, entre o autobiográfico e o ficcional. A expressão autoficção nos remete ao romance autobiográfico nominal, também nomeado de romance pessoal ou o romanesco íntimo. Enquanto a teoria da literatura critica o uso dessa expressão pelo fato de não possuir fundamentação teórica convincente e consistente, os artistas contemporâneos festejam a invenção dela. (FIGUEIREDO, 2010; HIDALGO, 2013).

Em sucessivas reflexões sobre a definição de autoficção, Sergei Doubrovsky nos aponta um espaço textual marcado pela encruzilhada entre a autobiografia, em que faltam complexidade, ambiguidade e aventura da linguagem, e o romance, em

que faltam valores referenciais; trata-se de uma criação textual híbrida, que se coloca na fronteira entre texto autobiográfico e literário. Desse modo, o texto apresenta os seguintes traços: inovações formais na construção da narrativa, complexidade narrativa, fragmentação, reconfiguração do tempo linear, alteridade, falta de unidade, lacunas, paradoxos, autocomentários, engajamento do autor no relato, metadiscorso. (FIGUEIREDO, 2010; HIDALGO, 2013).

A autoficção é uma produção pós-moderna da autobiografia, na medida em que não persegue a verdade factual nem a coerência histórica. O desejo autobiográfico está visceralmente articulado com a estética da narrativa. Na verdade, são romances com algumas nuances autobiográficas. (FIGUEIREDO, 2010; HIDALGO, 2013).

Sobre a possibilidade de uma linha concreta a separar autoficção e autobiografia, Serge Doubrovsky a apaga de vez: [...] toda autobiografia é uma forma de autoficção e toda autoficção é uma variante da autobiografia. Não há separação absoluta. A autoficção é a forma romanesca utilizada pelos escritores para se narrarem, desde meados do século XX até o início do século XXI. (DOUBROVSKI, 2005, p.211-212 apud HIDALGO, 2013, p. 223).

Comparando romance autobiográfico, autobiografia e autoficção, Faedrich (2015) propõe que a autobiografia se sustenta pelo princípio da veracidade, enquanto que a autoficção se orienta pelo princípio da ambiguidade, e o romance, pelo princípio da invenção.

A autora acrescenta que misturar realidade e ficção não é uma condição estrita à autoficção, visto que esta é uma característica encontrada em romances históricos e romances autobiográficos, por exemplo. A diferença essencial, aponta a autora, está em como isso é feito. Na autoficção, o apagamento dos limites entre o real e a ficção é intencional e visa confundir o leitor e provocar uma recepção contraditória da obra. Neste sentido, a ambiguidade criada textualmente na cabeça do leitor é característica fundamental de uma autoficção, em que há tanto uma ambiguidade referencial (é ou não é o autor?) quanto de fatos (é verdade ou ficção?).

A AUTOFICÇÃO NA OBRA DE JULIÁN FUKS

Apesar de ter sido laureado pelo Jabuti, em 2016, na categoria ficção, o livro *A Resistência* (Companhia das Letras, 2016), é frequentemente qualificado pelos

críticos literários como autoficção. A qualificação parece apropriada, na medida em se trata de um livro que “rompe com o princípio de veracidade” sem, contudo, “aderir integralmente ao princípio da invenção” (FAEDRICH, 2015, p.46).

A narrativa parte da memória pessoal – e também social e política – do narrador, que examina o passado e reescreve o seu próprio enredo familiar partindo da história de adoção de seu irmão mais velho. O irmão foi adotado durante a ditadura militar argentina por um casal de intelectuais que busca exílio no Brasil, onde nasce o narrador, Sebastián.

Em entrevista concedida a Ricardo Ballarín (2016) sobre sua obra, o próprio autor afirma que o conceito de autoficção, em específico, traz à tona algo do hibridismo dos nossos tempos, a impossibilidade de uma distinção precisa entre realidade e fabulação, entre memória e invenção.

Façamos agora um breve recuo na obra de Julián Fuks para falar de outro livro seu: *Procura do Romance* (Record, 2011). Protagonizado pelo mesmo personagem, Sebastián, a obra apresenta um escritor querendo escrever um romance e enfrentando a impossibilidade de narrar. O personagem principal retorna à Argentina para, no apartamento onde nasceu e viveu por alguns anos, procurar inspirações para o seu próximo romance. A presença no apartamento onde morou desencadeia uma série de pensamentos e mergulhos em sua memória. O personagem, que busca escrever o romance ideal, é constantemente invadido por suas próprias memórias. Isso o perturba, pois, ao vasculhar seus antigos lugares para recompor uma história pessoal, algo insiste em aparecer no seu texto, algo emerge à revelia do escritor: a história de quem se descobre, se estranha e se redescobre em cada palavra que vela e desvela. Neste livro de Julián Fuks, vemos um personagem aflito pela busca da palavra ideal, da palavra que cumpra o papel de narrar um bom romance, que possa narrar uma história que ele *não sabe* qual é.

São dois livros feitos de reminiscências, memórias, lacunas, reconstruções. Do personagem narrador e do próprio escritor. Sim, pois nestes livros, na convergência entre o fabuloso e o factual, escritor e narrador se confundem, se tocam, parecendo haver sempre a incidência de um sobre o outro, numa narrativa fascinante em que a ficção coteja a realidade.

E qual o papel das reminiscências, das memórias e das lacunas na construção do nosso mito individual? Lacan aponta que “somente a psicanálise

permite diferenciar, na memória, a função da rememoração. Enraizada no significante, ela resolve, pela ascendência da história no homem, as aporias platônicas da reminiscência” (LACAN, [1957-58] 1998, p. 523).

Quanto ao aspecto da construção, Freud já havia atentado para o fato de que é preciso, em análise, construir, junto com o analisante, aquilo que resta apenas como fragmentos, numa tentativa de reunir aquilo de que se está à procura (FREUD, [1937] 1996). Lacan, partindo dessa ideia freudiana, lembra que “o fato de que o sujeito revive, rememora, no sentido intuitivo da palavra, os eventos formadores da sua existência, não é, em si mesmo, tão importante. O que conta é o que ele disso reconstrói” (LACAN, [1953] 1985, p. 23). Ou seja, não importa tanto que o sujeito se lembre de algo como tendo sido verdadeiramente vivido, o essencial é reescrever a história.

Chegamos a um ponto onde a convergência entre literatura e ficção se tocam de forma que nos interessa nesta articulação: qual o lugar da verdade, da veracidade e da verossimilhança na narrativa literária e na narrativa do sujeito em análise?

Uma marca importante da psicanálise é a constatação de que nossas memórias não são confiáveis, elas são enganosas porque não trazem exatamente o que aconteceu de fato, e sim aquilo que queremos e podemos recordar, encontrando nos falseamentos uma oportunidade de vir à tona. (FREUD, [1937] 1996).

A verdade se funda na fala do sujeito. É uma verdade contida num saber que se anuncia apenas no campo da linguagem e que necessita da fantasia para emergir. A fantasia tem valor fundante e é a única realidade para o sujeito, pois ele constrói sua realidade pela via da fantasia, uma vez que ela amortece o choque que o encontro com o real produz no sujeito. Talvez nisso a literatura tenha muito a nos ensinar. O velamento que a palavra poética faz no real constitui as bordas, margens, invenções, criações, ficções para enquadrar o real, sem as quais o sujeito não suportaria viver. (BENIGNO, 2016)

A verdade, portanto, nunca poderá emergir para o sujeito, o que o leva a criar, inventar, construir uma ficção para si. E nisso a psicanálise se aproxima da criação poética da literatura, onde quase tudo pode ser ficcionado, sem compromisso com a veracidade. A psicanálise produz algo como o ato poético. Na fala do sujeito, isto é, nas suas palavras, a verdade pode ser veiculada em uma estrutura de ficção. (BENIGNO, 2016; LACAN, [1956-57] 1995)

Quanto à verossimilhança, aquilo que garante alguma coerência e credibilidade a uma história narrada, lembremos que, do ponto de vista psicanalítico, a ambiguidade e a imprecisão dos fatos narrados pelo sujeito são intrínsecas ao próprio discurso. Não se busca, na narrativa da análise, nenhuma coerência do texto. Se falta congruência, precisão, plausibilidade na fala do analisante, isso não invalida a autenticidade de sua narrativa.

Na escrita de Julián Fuks, há uma particularidade que chama atenção: o jogo narrativo entre a criação e o relato, muitas vezes poético, de suas próprias sensações, pensamentos, análises e vivências ao longo do ato de resistência que é escrever, um jogo em que coloca o leitor sempre sob suspeição acerca de quem é, afinal o narrador da história: Julián ou Sebastián? E é neste jogo que o escritor põe em questão a verossimilhança do seu discurso literário, ou, avancemos um pouco, do seu discurso de sujeito, um sujeito que escreve e pode se perder no sutil embaraço da linguagem. Vejamos o que o próprio autor diz sobre sua escrita na entrevista a Ballarín (2016):

Em *Procura do romance* há muito da minha trajetória pessoal, sim, há muito das minhas indagações e preocupações reais. É em parte a minha vida que se destrincha ali. Mas não sei se seria muito diferente se eu me ocupasse de criar lapsos maiores entre mim e meu personagem, se eu exacerbasse o lado ficcional da narrativa e me disfarçasse o máximo que conseguisse. Retorno, sem querer retornar, à velha concepção de que o escritor só escreve sobre si, concepção questionável que precisa ser matizada, mas que tem o seu momento de verdade.

A história do sujeito, a sua ficção, pode ser entendida como um modo de ele assumir seu lugar em sua verdade. É somente por meio de trabalho, de movimento, que o sujeito pode vir a encontrar sua verdade, forjando, assim, um lugar para si em uma história construída por ele mesmo, com suas próprias palavras, e não com as do Outro. A partir das recordações, é possível fazer dos vestígios, dos fragmentos, uma fantasia, um espaço composto narrativamente de modo a dar ao sujeito um lugar (BENIGNO, 2016). Ou seja, para a psicanálise, o sujeito se estrutura como ficção. Diz Lacan: “em toda ficção corretamente estruturada, pode-se constatar essa estrutura que, na própria verdade, pode ser designada como a mesma da ficção (...). A verdade tem uma estrutura, se podemos dizer, de ficção” (LACAN, [1956-57] 1995, p. 259).

Assim, poderíamos tomar um verso de Manoel de Barros para ilustrar isso que a psicanálise subverte: “tudo o que não invento é falso”. Ou seja, em última instância, somos todos ficcionistas. Nossas lembranças são formadas sem que haja um compromisso com a exatidão dos fatos; a própria memória é uma forma de

imaginação, uma ficção que reescreve os vestígios deixados, enquanto a imaginação, por mais criativa que seja, procede da lembrança daquilo que não necessariamente se produziu. “Qualquer memória é uma ficção, qualquer construção de uma história acaba inevitavelmente incidindo numa ficção”, disse Julián Fuks na entrevista já citada.

Lacan destaca que é por meio do deciframento do que ele chama de “semântica psicanalítica”, ou seja, lapsos, sonhos, atos falhos, etc., “(...) que o sujeito recupera, com a disposição do conflito que determina seus sintomas, a rememoração de sua história” (LACAN, [1960] 1998, p. 335). Pode-se dizer que no processo de análise, o sujeito, provocado por esta semântica psicanalítica, rememora a própria história, preenchendo lacunas, restabelecendo uma ordem que lhe dê algum sentido. (BENIGNO, 2016)

O trabalho de construção de uma ficção só pode ser empreendido pelo próprio sujeito, a partir de fragmentos de sua própria história, como resultado das inúmeras tentativas de produções de sentido a partir de lembranças, invenções, construções e reconstruções que são resultado de sua apropriação da linguagem. No Seminário 1, Lacan propõe que “o interesse, a essência, o fundamento, a dimensão própria da análise, é a reintegração, pelo sujeito, da sua história até os seus últimos limites sensíveis, isto é, até uma dimensão que ultrapassa de muito os limites individuais” (LACAN, [1953] 1985, p.22).

Em busca da história ideal para a escrita de um livro, Sebastián desembocará na escritura de seu romance familiar (usando aqui a expressão freudiana), ou seja, a *Procura do Romance* irá conduzir a alguma possibilidade de contorno de sentido em *A Resistência*. O narrador constrói paradoxalmente uma narrativa de si mesmo, inscrevendo-se como continuidade da história dos pais, preenchendo as lacunas que o passado deixou pendentes. É aí que o narrador vai apresentar indagações que a literatura traz desde sempre, questões sobre as quais o homem se interroga desde que começou a pensar sobre si: a origem, o pertencimento, a estranheza, a morte, o desamparo, a angústia. E estas são, em última instância, as questões que faz um analisante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – PSICANÁLISE E LITERATURA

Linguagem, palavra, discurso, narrativa: o que há de comum entre a psicanálise e a literatura? Reminiscências, memorações, construções, reconstruções, escritura, reescritura, procura, resistência: o que há de comum entre a narrativa do analisante e a narrativa do escritor? Verdade e autoficção: o que a psicanálise tem a ver com isso?

No campo da psicanálise, falar de autoficção constitui uma redundância, na medida em que nos tornamos sujeitos através da invenção de um romance sobre nós mesmos, cuja criação está intimamente relacionada com a linguagem, ou seja, o sujeito cria sua própria história com base na vinculação que estabelece com a linguagem e é esse processo que permite a ele fazer-se alguém e chegar a algo de sua verdade. Verdade que é, em última instância, uma criação. Somente pela via da invenção é possível dar um sentido para a própria existência. Essa narrativa *ficcional* é fundamental para o sujeito, uma vez que sem ela ele perderia os contornos do *eu* que lhe dão sustentação, se desintegraria. Assim, cada um de nós possui um texto interno, complexo, consciente ou inconsciente, produzido por outras leituras/escrituras, por mitos familiares, de qualquer forma presos ao discurso do Outro, ao discurso familiar.

A narrativa que nos define enquanto sujeitos depende da construção de um discurso que se apoia em reminiscências, escora-se no escorregadio tecido da memória, firma-se sobre lembranças fugidias, encontra-se com palavras inventadas, ancora-se em tentativas de contornos, esbarra na resistência e muitas vezes repousa sobre o indizível.

A experiência psicanalítica descobriu no homem o imperativo do verbo e a lei que o formou à sua imagem. Ela maneja a função poética da linguagem para dar ao desejo dele sua mediação simbólica. Que ela os faça compreender, enfim, que é no dom da fala que reside toda a realidade de seus efeitos; pois foi através desse dom que toda realidade chegou ao homem, e é por seu ato contínuo que ele a mantém (LACAN, [1953] 1998, p. 323).

A insuficiência da língua para abranger o campo do significante, tanto na narrativa do analisante como na narrativa literária, depara-se com o fracasso do sujeito em dominar a palavra, pois é a palavra que domina o escritor. Para Julián Fuks, trata-se de um fracasso inerente à escrita: “(...) me referia, sobretudo, ao fracasso incontornável de toda escrita, à deturpação que lhe é própria, à impossibilidade de

cumprir um programa prévio, à inacessibilidade absoluta da experiência. Nisso a literatura fracassa sempre, e esse talvez seja seu maior valor” (Ballarine, 2016).

É esse também o grande valor da psicanálise, a grande invenção freudiana: constatar que é no fracasso da insuficiência de tudo dizer, que o inconsciente emerge e que o sujeito se encontra com a sua verdade.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, P. G. *Trato desfeito: o revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira*. 2011. 107 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

BALLARINE, R. Julián Fuks: A melhor maneira de resistir aos fatos é começar por assumi-los sem meias palavras. *Blog Capítulo Dois*. 22 dez. 2016. Disponível em <https://capitulodois.com/2016/12/22/julian-fuks-a-melhor-maneira-de-resistir-aos-fatos-e-comecar-por-assumi-los-sem-meias-palavras/>. Acesso em: 16 ago. 2018.

BENIGNO, L. *Sobre o eu em psicanálise: a tecedura de uma ficção*. 2016. 105 f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, 2016.

FAEDRICH, A. Uma discussão teórica acerca da autoficção: a ficcionalização de si em *O filho eterno*, de Cristovão Tezza. *Revista Letrônica*, v. 4, n. 1, p. 181 - 195, junho, 2011. Disponível em: < <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/7984>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

FIGUEIREDO, E. Autoficção feminina: a mulher nua diante do espelho. *Criação e crítica*, Revista do Departamento de Letras Modernas, n. 4, p. 91-102, abr. 2010. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46790>>. Acesso em: 3 ago. 2016.

FREUD, S. (1908). *O poeta e o fantasiar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Obras Incompletas de Sigmund Freud – Arte, literatura e os artistas.

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1937) *Construções em análise*. vol. XII

FUKS, J. *Procura do Romance*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

FUKS, J. *A resistência*. São Paulo: Companhia da Letras, 2015.

HIDALGO, L. Autoficção brasileira: influências francesas, indefinições teóricas. In: *Alea*, Revista de Estudos Neolatinos, v. 15/1, p. 218-231, jan-jun 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=33027017014>. Acesso em: 15 mai. 2016.

LACAN, J. (1953). *O seminário – livro 1 – Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, J. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. (1955). Variantes do tratamento-padrão. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. (1956-57). *O seminário – livro 4 – A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, J. (1957-58). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LEJEUNE, P. (1975). O pacto autobiográfico. In *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução de Jovita M. G. Noronha e Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014a.

_____ (1975). Autobiografia e ficção (2005). In *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução de Jovita M. G. Noronha e Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014b.

NORONHA, J. Apresentação. In: LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução de Jovita M. G. Noronha e Maria Inês C. Guedes. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

AUTOFICTION AS A SELF-WRITING: APPROACHES BETWEEN LITERATURE AND PSYCHOANALYSIS

ABSTRACT

Self-writing emerged as a literary phenomenon typical of modernity, in which the frontiers between fiction and reality reduce and it produces narratives that give voice to a self that speaks from a personal statement. In this paper, we present and approximation between literature and psychoanalysis, considering that these are two human productions that have in common the word as raw material, the possibility of producing narratives of oneself and the insufficiency of fully understanding of the language. Based on the work of Julián Fuks, we approach the relationship between autofiction as a literacy production and the fictional narrative that is specific to each subject in the search for contour and support for their singularity, as can be seen from psychoanalysis.

KEYWORDS: Self-writing. Autofiction. Psychoanalysis. Julián Fuks.

L'AUTOFICTION COMME ÉCRITURE DE SOI: APPROXIMATIONS ENTRE LITTÉRATURE ET PSYCHANALYSE

RÉSUMÉ

L'écriture personnelle est apparue comme un phénomène littéraire typique de la modernité, où les frontières entre fiction et réalité s'estompent, produisant des récits qui donnent voix à un moi qui parle à partir d'une affirmation personnelle. Dans cet article, nous présentons une approximation entre la littérature et la psychanalyse, tenant compte que ce sont deux productions humaines qui ont le mot, comme matière première, en commun, la possibilité de produire des récits de soi et l'insuffisance de la compréhension complète du langage. À partir du travail de l'écrivain Julián Fuks, nous abordons la relation entre l'autofiction en tant que production littéraire et le récit fictif propre à chaque sujet dans la recherche de contour et de soutien de sa singularité, comme le montre la psychanalyse.

MOTS-CLÉS: Auto-écriture. L'autofiction. Psychanalyse. Julián Fuks.

RECEBIDO EM 10/04/2021
APROVADO EM 10/11/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista
<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>
revista@psicanaliseebarroco.pro.br
Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO